

Professor pode ajudar a aumentar senso crítico

➔ O educador Paulo Freire, ao tratar do papel do professor, já questionava o discurso da neutralidade em sala de aula, pois, dizia ele, só o fato de estarmos no mundo nos coloca diante da responsabilidade sobre a vida e as coisas humanas. A ideia da amorosidade, tão cara a Freire, consistiria justamente no compromisso assumido com as outras pessoas, no intuito de que nossas ações educativas pudessem colaborar para o entendimento dos processos sociais e para o respeito às subjetividades e diversidades.

Nesse sentido, a escola não estaria fora do mundo, nem seria mera reprodução dos acontecimentos sociais, mas estaria em constante relação dialógica e interativa com os eventos no espaço e no tempo. O reconhecimento dessa condição da escola e do professor precisa ser lembrado, hoje, quando discursos e atos de intolerância tornam-se banalizados no cotidiano. **Para a professora**

especialista em História Colaboradora do Instituto Qualidade no Ensino (IQE), Marta Gouveia de Oliveira, é preciso que o professor se posicione politicamente diante de conflitos, em que o excesso de informações e desinformações contribui para a violência simbólica e até mesmo física.

"Posicionar-se politicamente não significa, no entanto, doutrinar ou tomar partido. Significa esclarecer. O conhecimento deve ser aliado contínuo, não apenas na construção de conceitos que correspondam ao planejamento ou ao livro didático. O educador precisa estar atento aos momentos em que é preciso lidar com o imprevisto, o estranhamento e o desrespeito, principalmente quando a escola torna-se espaço de debate político e social e, por isso, cenário de preconceitos e desentendimentos. Esta é a oportunidade para agir, de forma ética e mediadora, assumindo a amorosidade com os educandos", defende a educadora.



Conhecimento: aprender para poder ensinar

➔ Nos últimos dias é possível identificar no dia a dia situações de exacerbação ideológica, quando informações equivocadas – com boas ou más intenções – abrem espaço para ofensas mútuas, alimentando não apenas o preconceito, mas também a discriminação e a exclusão.

"Este é o momento em que o professor precisa recorrer ao que sabe, e ao que não sabe; aprender para poder ensinar; mostrar o poder que o conhecimento, entendido como reflexão, tem sobre a efemeridade e superficialidade da enchente de mal dizeres", completou Marta Gouveia de Oliveira.

Ela esclarece que e preciso que conceitos como fascismo, nazismo, ditadura, xenofobia e homofobia sejam historicizados e compreendidos, colocados na dimensão do tempo-evento e de sua permanência; que atos como a tortura, a perse-

guição e outros tantos tipos de violência sejam entendidos em sua construção sociocultural e em sua gravidade. "O professor deve ser capaz de condenar os abusos de toda forma, em qualquer circunstância e contra quaisquer argumentos ditos políticos, religiosos, científicos ou sociais, para que os alunos possam ser capazes de realizar comparações e posicionar-se, sem análises rasteiras e empobrecedoras", destaca Marta Gouveia.

De acordo com ela, o educador precisa valorizar a compreensão sobre os ganhos da democracia, lançando mão da própria história, repleta de exemplos do quanto o respeito à diferença e aos direitos humanos, a ampliação da participação política e o debate entre divergência de ideias podem promover os avanços em muitos sentidos, dissolvendo intolerâncias de toda forma.

História: permanências e rupturas e atuações

➔ "É necessário também que se demonstre que a história é processo de permanências e rupturas, mas que mesmo as continuidades podem ser transformadas por nossas atuações, pautadas pela ética. Esta, diferente da moral, se constrói não pelo medo ou pela coerção coletiva, mas pelo desejo de se fazer o bem, de realizar para o outro aquilo que se gostaria de receber; pelo interesse em tomar o outro como exemplo ou como lição", disse.

Para Marta Gouveia do IQE, a ética também é uma construção histórico-cultural, mas é a tentativa humana de superar seus limites de espaço e de tempo, entendendo

que o homem é um ser único, apesar de diferente; e que é diferente, apesar de único.

"O professor precisa ter consciência e coragem para despir-se de seus próprios preconceitos, da ignorância e de ilusões de neutralidade diante dos conflitos sociais e políticos que adentram a sala de aula. Não ter medo da mediação, de promover o debate e de compreender ele mesmo que ser amoroso é não permitir a intolerância, e que o conhecimento deve servir para transformar a todos na busca da qualificação da vida. Afinal, como diria Paulo Freire, estamos todos no mundo e isso nos torna responsáveis uns pelos outros", reforça.